

PONTIFÍCIO ATENEU SANTO ANSELMO

**Faculdade de Teologia**

INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES

**A Perícopé da Mulher Adúltera (Jo 7,53–8,11)**

Luiz Laureano, André

Neto, João Barbosa Mendes

**Literatura Joanina e Cartas Católicas**

Prof. Pe. Dr. Shigeyuki Nakanose

São Paulo 2026

## **1. INTRODUÇÃO**

A narrativa da mulher surpreendida em adultério (Jo 7,53–8,11) constitui uma das passagens mais densas e provocativas do Novo Testamento, tanto do ponto de vista exegético quanto teológico e pastoral. Embora sua inserção no quarto evangelho seja objeto de debate na crítica textual, sua recepção e autoridade na tradição cristã são incontestáveis, pois revela, de maneira paradigmática, o modo como Jesus se posiciona diante do pecado, da Lei e da dignidade humana.

Esta perícopes deve ser interpretada a partir de três eixos fundamentais: (1) o contexto histórico-litúrgico da Festa das Tendas; (2) as tensões socioreligiosas entre Jesus e as autoridades judaicas; e (3) sua atualização à luz das realidades contemporâneas, especialmente no que diz respeito à violência contra a mulher.

## A PERÍCOPE DA MULHER ADÚLTERA (JO 7,53–8,11)

### 2. Contexto histórico-litúrgico: a Festa das Tendias como horizonte interpretativo

O episódio ocorre no contexto da Festa das Tendias (*Hag ha-Sukkot*), uma das três grandes peregrinações do judaísmo. Instituída como preceito divino (cf. Lv 23,42), sua celebração iniciava-se no dia 15 do mês de Tishri (cf. Lv 23,34.39), quatro dias após o Yom Kippur (cf. Lv 23,27), prolongando-se por sete dias, número simbólico de plenitude, acrescidos de um oitavo dia solene (*Shemini 'Atseret*).

Liturgicamente denominada *Zeman simhatenu* (“tempo de nossa alegria”; cf. Dt 16,14), essa festa possuía caráter eminentemente jubiloso e comunitário. Originalmente agrícola, celebrava a colheita final antes do inverno, assumindo progressivamente um sentido teológico de memória da ação salvífica de Deus e de ação de graças.

O imperativo levítico, “regozijareis durante sete dias na presença do Senhor, vosso Deus” (Lv 23,40), revela o caráter central da alegria como experiência religiosa. Nesse horizonte, a presença de Jesus em Jerusalém durante a festa não é meramente circunstancial, mas teologicamente significativa: Ele se insere no coração da experiência cultual de Israel para reinterpretá-la à luz do Reino de Deus.

### 3. Jesus no Templo: autoridade, ensino e deslocamento simbólico

A cena se desenvolve no Templo, espaço por excelência da autoridade religiosa e da mediação da Lei. Jesus aparece ensinando ao povo (Jo 8,2), gesto que evoca sua autoridade profética e sapiencial. Tal cenário encontra paralelos na tradição sinótica (cf. Lc 2,41-50), onde Jesus, ainda jovem, já se apresenta como mestre no Templo.

Contudo, no quarto evangelho, o ensino de Jesus assume uma dimensão mais radical: Ele não apenas interpreta a Lei, mas a plenifica e, em certo sentido, a relativiza diante da centralidade da vida e da dignidade humana.

O dado de que Jesus pernoita no Monte das Oliveiras (Jo 8,1) reforça sua condição de peregrino, assim como a presença de uma multidão composta, em grande parte, por estrangeiros e judeus da diáspora. Tal configuração social amplia o alcance universal da mensagem de Jesus.

#### **4. Contexto socioreligioso: Lei, poder e exclusão**

A narrativa reflete um contexto de tensões entre diferentes grupos judaicos. Os escribas e fariseus, menos dependentes do Templo após sua progressiva descentralização, consolidaram a sinagoga como espaço de normatização da vida religiosa. Nesse processo, a Lei passou a ser instrumento não apenas de orientação, mas também de controle social.

Nesse cenário, o corpo, especialmente o corpo feminino, torna-se lugar de vigilância e dominação. A comunidade joanina, por sua vez, composta majoritariamente por pobres, marginalizados, samaritanos e estrangeiros, experimentava conflitos com o judaísmo oficial. A presença ativa de mulheres e lideranças não convencionais intensificava tais tensões.

Dessa forma, a perícopes não deve ser lida apenas como um episódio isolado, mas como expressão de um embate mais amplo entre uma religião legalista e uma proposta centrada no amor e na misericórdia.

#### **5. Estrutura literária e dinâmica narrativa**

A narrativa apresenta uma estrutura cuidadosamente organizada:

- Introdução (7,53-8,2): transição temporal e espacial; Jesus ensina no Templo;
- Inquérito (8,3-6b): apresentação da mulher e armadilha jurídica;
- Resposta de Jesus (8,6c-8): gesto simbólico e palavra decisiva;
- Desfecho (8,9-11): retirada dos acusadores e restauração da mulher.

O movimento narrativo é progressivo e dramático: inicia-se com a acusação pública, passa pela tensão do julgamento e culmina na reversão completa da situação.

#### **6. A mulher: anonimato, objetificação e violência simbólica**

A figura central da narrativa é, paradoxalmente, a mais silenciada. A mulher não possui nome, voz nem história própria. Sua identidade é reduzida ao seu suposto pecado. Como observa a exegese contemporânea, trata-se de uma personagem objetificada, colocada “no meio” como instrumento de um debate que não lhe pertence.

Além disso, a ausência do homem envolvido no adultério revela uma aplicação seletiva da Lei, evidenciando uma estrutura patriarcal que penaliza desproporcionalmente a mulher. A Lei mosaica, de fato, prevê punição para ambos (cf. Lv 20,10; Dt 22,22-24), mas sua aplicação aqui é distorcida.

A exposição pública da mulher constitui uma forma de violência simbólica que antecede a violência física. Ela é transformada em espetáculo de julgamento, antecipando práticas que ainda hoje se manifestam em diferentes contextos sociais.

## **7. A armadilha jurídica e a resposta de Jesus**

Os escribas e fariseus não buscam justiça, mas desejam colocar Jesus à prova (Jo 8,6). Trata-se de um dilema cuidadosamente construído: qualquer resposta direta implicaria contradição.

A reação de Jesus é, inicialmente, o silêncio e o gesto de escrever no chão. Esse gesto, amplamente debatido na tradição exegética, pode ser interpretado à luz de referências veterotestamentárias:

1. Jr 17,13: os que abandonam o Senhor terão seus nomes escritos no pó;
2. Dt 9,10: a Lei escrita pelo dedo de Deus;
3. Dn 5,5: o juízo divino inscrito na parede.

O gesto de Jesus, portanto, pode simbolizar um ato de julgamento divino que transcende a lógica humana.

Sua palavra: “Quem dentre vós não tiver pecado...” (Jo 8,7), não nega a Lei, mas a radicaliza, deslocando o foco do objeto (a mulher) para os sujeitos (os acusadores). A Lei deixa de ser instrumento de condenação do outro e torna-se critério de autocrítica.

## **8. Desfecho: misericórdia e nova possibilidade**

A retirada dos acusadores, começando pelos mais velhos, indica uma tomada de consciência progressiva. A cena culmina no encontro pessoal entre Jesus e a mulher, onde, pela primeira vez, ela deixa de ser objeto e torna-se sujeito.

A declaração de Jesus, “Nem eu te condeno”, não é relativização do pecado, mas afirmação da primazia da vida sobre a punição. A exortação final, “Vai e não peques mais”, abre um horizonte de transformação, unindo misericórdia e responsabilidade.

## **9. Questões de crítica textual e tradição**

A ausência da perícopé em manuscritos antigos (P66, P75, códices B e A) indica que não fazia parte da redação original de João. No entanto, sua presença em outras tradições (Códice D, Vetus Latina, Vulgata) e sua afinidade com o estilo lucano sugerem uma origem independente, possivelmente nos primeiros séculos do cristianismo.

Autores como Brown e Schnackenburg destacam que, embora não seja originalmente joanina, a narrativa é historicamente plausível e teologicamente coerente com a ação de Jesus.

## **10. Dimensão teológica: da Lei à misericórdia**

O adultério, no contexto bíblico, é compreendido como ruptura da aliança, tanto conjugal quanto teológica. A tradição profética, especialmente em Oséias, associa a infidelidade de Israel ao adultério.

Entretanto, Jesus desloca o eixo da interpretação: a fidelidade a Deus não se expressa na condenação do pecador, mas na promoção da vida. Ele revela que a verdadeira justiça não pode ser separada da misericórdia.

## **11. Atualização: violência contra a mulher e relevância contemporânea**

A atualidade da narrativa torna-se evidente diante dos dados alarmantes sobre violência contra a mulher. No Brasil, milhões de mulheres sofrem anualmente violência doméstica, enquanto os índices de feminicídio e violência sexual continuam crescendo.

A cena evangélica encontra ressonância direta nesse contexto: mulheres continuam sendo expostas, julgadas e culpabilizadas, enquanto estruturas sociais perpetuam a impunidade dos agressores.

As formas de violência: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral, revelam que a “pedra” ainda está presente, mesmo que sob novas formas. A lógica denunciada por Jesus permanece atual: a hipocrisia social que condena a vítima e absolve o sistema.

## **12. CONCLUSÃO: UMA ÉTICA DO CUIDADO E DA DIGNIDADE**

A perícopé da mulher adúltera propõe uma ruptura radical com a lógica da violência. Jesus não apenas impede a execução, mas inaugura uma nova compreensão da justiça, fundada na dignidade humana e na misericórdia.

Atualizar esse Evangelho implica um compromisso concreto: denunciar a violência, proteger as vítimas e transformar estruturas injustas. A Igreja, fiel ao legado joanino, é chamada a viver o amor como critério último do discipulado.

A cena final, sem pedras e com uma mulher de pé, constitui uma imagem escatológica de esperança: uma sociedade reconciliada, onde a dignidade de cada pessoa é reconhecida e promovida.

Esse é o horizonte do Evangelho: não a condenação, mas a vida; não a exclusão, mas a comunhão; não a morte, mas a restauração da dignidade humana em sua plenitude.

### 13. BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO Gilvan Leite de, *A Mulher Adúltera no Evangelho de João (Jo 7,53-8,11)*, Revista De Cultura Teológica, 92 (2018), 127-142, <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.i92.39746>, [acesso: 18-03-2026].

Bíblia TEB, Loyola, São Paulo 2020, 3.

Bíblia do Peregrino, Paulus, São Paulo 2017.

Bíblia de Jerusalém, Paulus, São Paulo 2002.

BEUTLER Johannes, *Evangelho segundo João: comentário*, Loyola, São Paulo 2015.

BORTOLINI José, *Como ler o Evangelho de João*, Paulus, São Paulo 1994.

CENTRO BÍBLICO VERBO, « *“Permaneçei no meu amor para dar muitos frutos” (Jo 15,8-9): Introdução ao Evangelho de João*», Vida Pastoral (2015) 3 -12.